

Entre o vivido e o concebido: memórias de professoras sobre a história da educação em Brasilândia de Minas

Between the lived and the conceived: teachers' memories about the history of education in Brasilândia de Minas

Élia Guimarães de Oliveira¹
Giselda Shirley da Silva²

354

Resumo: O presente trabalho elenca como objeto representações que perpassam pelo experienciado e o narrado por professoras sobre a história da educação nas primeiras décadas do Núcleo Colonial que se tornou Brasilândia, localizada no distrito de Caatinga, município de João Pinheiro. Território este que posteriormente desmembrou-se do distrito de Caatinga, tornou-se distrito e emancipou-se, tornando o município de Brasilândia de Minas. O objetivo foi perceber quais as representações das professoras entrevistadas sobre as lembranças acerca da história da educação formal em Brasilândia. A metodologia utilizada na pesquisa é qualitativa de campo. O empírico pautado na metodologia da História Oral com entrevistas estruturadas realizadas com cinco professoras que atuaram na educação básica em Brasilândia no período delimitado. O estudo se fundamentou em autores que partilham do solo da história oral, memória e educação. O entrecruzar da teoria e das narrativas orais de professoras que experienciaram a arte da docência no referido período e local, possibilitou o conhecimento sobre a história local no recorte específico da educação, os desafios, além de aspectos da cultura escolar.

Palavras chaves: História. Educação. Memória. História Local.

Abstract: The present work lists as object representations that permeate the experienced and narrated by teachers about the history of education in the first decades of the Colonial Nucleus that became Brasilândia, located in the district of Caatinga, municipality of João Pinheiro. This territory was later dismembered from the district of Caatinga, became a district and emancipated itself, becoming the municipality of Brasilândia de Minas. The objective was to understand the representations of the interviewed teachers about the memories about the

¹ Licenciada pela Faculdade Cidade de João Pinheiro-FCJP. E-mail: oliveira.elia@bol.com.br

² Doutoranda em História - Universidade de Évora - Portugal. Mestre em História Cultural. Pesquisadora Integrante- CIDEHUS- UE - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora. Mestre em História Cultural pela Universidade de Brasília- (UnB). Membro do projeto de pesquisa - Educação, História, Memória e Cultura em Diferentes Espaços Sociais - PUC - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: giseldashyrley@hotmail.com

Recebido em 27/12/2021

Aprovado em 26/02 /2022

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



history of formal education in Brasilândia. The methodology used in the research is qualitative field. The empirical based on the methodology of Oral History with structured interviews carried out with five teachers who worked in basic education in Brasilândia in the defined period. The study was based on authors who share the soil of oral history, memory and education. The intersection of theory and oral narratives of teachers who experienced the art of teaching in that period and place, made possible the knowledge about local history in the specific cut of education, the challenges, as well as aspects of school culture.

Keywords: History. Education. Memory. Local History.

Introdução

A presente pesquisa realizou um estudo sobre a História da Educação do Município de Brasilândia de Minas e as principais mudanças que ocorreram em sua trajetória educacional tomando como marco temporal inicial o período da implantação do Núcleo em 22/05/1952.

É de grande relevância compreender e registrar os relatos das pessoas que vivenciaram e contribuíram para história da educação na localidade, uma vez que o conhecimento destes relatos contribui para o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao espaço e construção da identidade.

O município de Brasilândia de Minas fica em uma região estratégica, próxima a capital federal e faz parte dos municípios que formam a região do Noroeste de Minas. Sua área demográfica é de 2.512,49 Km², limitando-se com os municípios de Bonfinópolis de Minas, Dom Bosco, Unaí, Santa Fé de Minas, João Pinheiro, Buritizeiro³.

A relevância social da pesquisa foi conhecer e registrar relatos de mulheres que vivenciaram a história da educação na localidade também conhecer fatos, processo socioeducativo levando em consideração que há poucos estudos que abrangem a realidade. Salientamos assim, a relevância de estudos que permitam as novas gerações conhecer um pouco mais da história local.

A presente pesquisa deu-se em decorrência de uma série de indagações levando em consideração a necessidade de conhecer melhor a história da educação local e da importância destes conhecimentos históricos para o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao lugar e à história. Viabiliza a construção da identidade e possibilita a tomada de consciência em relação à necessidade de conhecer melhor a história local.

³ Contêm terras férteis para o cultivo, que faz do município um grande produtor de especiarias, grãos e além do mais tem uma economia baseada na pecuária, que se torna um destaque na cidade. Sua vegetação nativa é formada por campos, cerrado, veredas, matas ciliares, cerrado e cerrado Brasilândia têm como atrativo suas belezas naturais, apresentada por uma natureza exuberante. Sua população em 2010 era de 14.226 habitantes.

O estudo partiu das seguintes indagações: Como foi início da história da educação em Brasilândia? Quais as principais mudanças ocorridas em sua trajetória educacional desde o período de colonização em 1952? Qual órgão as escolas estavam vinculadas? Quem eram os professores e índice de escolaridade dos mesmos? Qual era o método utilizado para alfabetização dos alunos? Como se dava organização do tempo e do espaço escolar, a relação com a comunidade, o cuidar da escola e o processo ensino aprendizagem? Como era a estrutura física das escolas? Quais as dificuldades encontradas pelos professores no exercício da profissão? Quais diferenças da educação quando a professora entrevistada atuou com os tempos atuais? Como era a clientela escolar? Como era a relação professor/aluno?

Os objetivos foram: investigar como se iniciou o processo educacional no município de Brasilândia de Minas sede e povoados e o processo ensino aprendizagem, pesquisar quem eram os responsáveis pelas escolas, conhecer quem eram os profissionais que lecionaram e qual o nível de formação, conhecer o método utilizado na alfabetização, descrever como era o cotidiano na escola a relação da comunidade o cuidar e a organização do tempo e do espaço escolar, identificar como eram as estruturas físicas das escolas, relatar as dificuldades encontradas no exercício da profissão, descrever as diferenças do processo educacional tradicional com os tempos atuais, pesquisar como era a relação professor/aluno.

O estudo partiu da hipótese de que a educação formal em Brasilândia de Minas aconteceu logo após sua colonização pela empresa pública - C.V.S.F- Comissão do Vale São Francisco, em decorrência do grande número de pessoas que migraram para região.

As primeiras escolas ficavam sob a responsabilidade da Comissão do Vale São Francisco. No princípio foram contratados professores de outra região para alfabetizar as crianças durante o dia e a noite os adultos. Em sua maioria possuía apenas a 4º série. O método ou técnica que os professores utilizavam para alfabetização dos alunos era aula expositiva, livros, cartilhas e a sabedoria, pois na época não tinham muitos recursos para serem utilizados.

A pesquisa de campo foi realizada tendo a memória e narrativas de professoras como suporte empírico. Memória entendida nesse trabalho como definiu Michael Pollak (1989, p.9) segundo o autor o lugar da memória na construção das identidades coletivas pode ser assim:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimentos e fronteiras sociais entre coletividade. A referência ao passado serve para

manter a coesão dos grupos e das instituições que compõe uma sociedade, para definir seu lugar respectivo.

Para o autor a memória é uma ação de grupos de pessoas tipicamente passadas de uma geração para seguinte como forma de proteção dos acontecimentos e das interpretações reforçando os sentimentos de pertencimentos e divisões sociais entre os diversos grupos como família, religioso, étnico e classe social. Pollak diz que a referência ao passado serve para manter o nexo dos grupos e das instituições que compõe uma sociedade com a finalidade definir seu lugar respectivo.

357

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 05 ex-professoras que trabalharam em Brasilândia de Minas nas primeiras décadas após o estabelecimento do Núcleo colonial, sendo este o critério de inclusão a pesquisa.

São inúmeras as lembranças que permeiam a memória dessas pessoas que nos fazem conhecer o passado e compreenderem o andamento do processo educativo, na certeza de que muitos fatos importantes são esquecidos por não terem sido registrados, mas certo de que o diálogo com fontes de pesquisa, entre elas depoimentos de pessoas, nos dá oportunidade de adentrar a trajetória educacional do município de Brasilândia de Minas.

Assim, as lembranças e narrativas de professoras constituem-se na matéria-prima para a tessitura narrativa do presente estudo acerca da história da educação e ao mesmo tempo, história local. “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (GOFF, 2003, p.419).

Refletindo as palavras do autor conclui que a memória como propriedade de conservação de informações leva-nos ao passado e a um conjunto de funções psíquicas, e graças às essas funções podemos atualizar as informações passadas.

2 Memórias de professoras sobre a história da educação: experiências compartilhadas

O Município de Brasilândia de Minas é um dos municípios mais novos de Minas Gerais foi criado pela Lei Estadual nº 12.030, de 21 de dezembro de 1995. A sua primeira eleição ocorreu em 03 de outubro de 1996. A educação se faz no lar e na escola, e a mesma começa no lar, os pais são os primeiros educadores dos filhos e que os professores continuam os trabalhos dos pais. O Município Brasilândia de Minas desde o início da colonização teve boa escola na sede, mas a realidade da zona rural era outra. Hoje temos escola de 1º e 2º graus pública e também possui escola particular. A primeira escola do município foi a Escola Estadual “Dr. José Pacheco Pimenta” inaugurada em

07 de abril de 1957. Em 1978 Criou-se a segunda escola da sede que recebeu o nome de Escola Estadual “Dr Cyro Góes”, localizada no bairro Porto e posterior veio a terceira escola da sede a Escola Estadual “Alminda Alves da Silva localizada no centro da cidade. No início só havia escola de 1ª a 4ª série. O ginásio (5ª a 8ª séries), por muito tempo, foi uma escola da comunidade, depois passando a ser Estadual e posteriormente tendo 2ª grau, com cursos de Magistério, Técnico em contabilidade e em 1997, foi implantado o Ensino Básico. Além de escolas urbanas o município possui escolas na Zona Rural nas seguintes comunidades Matinha, Cachoeira Grande, Riacho do Campo são escolas municipais sobre a responsabilidade do poder público municipal (MORAES, 2012, p.57)

Em sua narrativa, a autora retomou a parte da história do município destacando o período de emancipação, a primeira eleição e as mudanças ocorridas após este momento inclusive no campo da educação.

Conhecer o passado é importante para construção da história que está intrinsecamente integrada com o presente. São inúmeras lembranças que permeiam a memória dessas pessoas que nos fazem conhecer e compreender a trajetória educacional no município. Para compreendermos melhor vemos a definição dada por Jacques Le Goff (2003, p.419).

A primeira pergunta feita às professoras entrevistadas foi, *como foi a organização da educação em Brasilândia, tanto na sede quanto na zona rural na época do Núcleo colonial?*

Abaixo categorizamos as respostas:

A comissão da empresa pública (C.V.S.F) responsável pelo desenvolvimento da região fez uma reunião com os colonos para que fizessem as solicitações e apresentassem as necessidades. A partir daí em pouco tempo, foi construído o primeiro grupo escolar da colônia. Recebeu o nome de Pacheco Pimenta em gratidão ao seu fundador, e também, funcionário da Comissão do Vale São Francisco. Neste tempo iniciou o processo de construção dos grupos nas comunidades: [...]. Então, em 1957 a primeira escola da colônia começou a funcionar com 192 alunos e nos povoados tiveram pequenos grupos construídos com ajuda da comunidade. Na Matinha que teve como professora a Dona Maria Morais. Capivara professor José Albino. Cana Brava e Mucambinho, o José Evaristo Gonçalves, conhecido por José do Lico, um dos primeiros e inesquecíveis professores. Riachinho primeira professora foi Neide Duarte. Riacho do Campo. Garrota Brava. Riachinho do Gado Bravo, comunidade do Boqueirão, comunidade do Morcego, comunidade do Cercado estes grupos escolares eram só de primeira a quarta série primária. Depois de um tempo, não me lembro a data, criou-se uma escola particular da CNEC chamada “Escola da Comunidade Nossa Senhora Aparecida” que ministrava o ensino de 5º a 8º série. Em julho de 1982 a escola passou a ofertar também o segundo grau. Em 1986 todas as escolas passaram a integrar a rede estadual de o ensino ficou de graça (Entrevistada 1).

A sede tinha a José Pacheco Pimenta e no povoado de Cana Brava tinha uma escola também improvisada, mais funcionava (entrevistada 2).

Na sede havia à Escola Estadual José Pacheco Pimenta que tinha poucas salas para quantidade de alunos e com ensino de primeira a quarta-série e também tinha escolas nos povoados do Riacho do Campo, Matinha, Cana-Brava e Fazenda Brejo essas eram municipais (Entrevistada 3).

Na sede no período da colonização não havia escolas o que tinha era os lotes vagos que a SUVALE deixou ao distribuir os lotes aos então moradores do município de Brasilândia de Minas, enquanto os moradores lutavam para construção de uma escola para seus filhos começou a funcionar uma escola improvisada em galpão (Entrevistada 4).

Na sede antes da colonização não havia escolas, só estudava os filhos dos fazendeiros que os pais traziam professores de fora para alfabetizar seus filhos e alguns filhos de funcionários que tinha mais apreço. Depois com a chegada da Comissão do Vale São Francisco (C.V.S.F) é que foram criadas escolas na sede e nos povoados do Riacho do Campo, Matinha, Gado-Bravo, Matinha está caravana trouxe mudanças, inovadoras as coisas começando a organizar as terras que constituíam o Núcleo colonial do Paracatu iniciando o processo de colonização (Entrevistada 5).

A partir da fala das entrevistadas é possível perceber que logo após a colonização não havia escolas e existiam apenas lotes vagos que foram deixados pela Comissão do Vale São Francisco para que fossem construídas as escolas. A preocupação com desenvolvimento educacional do município de Brasilândia foi decorrente do aumento dos colonos que vinham de várias localidades com suas famílias. Segundo a professora entrevistada nº1, foi realizada uma reunião com os colonos para que apresentassem as necessidades e, a partir daquele momento não sabe o tempo que levou para dar início a construção da primeira escola, mas o que se sabe que em julho de 1957 ela foi inaugurada com ensino de 1ª a 4ª séries que recebeu o nome José Pacheco Pimenta em homenagem ao fundador e administrador da Colônia.

Assim sendo, através destas narrativas foi possível conhecer também os povoados em que foi sendo criadas as escolas pela Comissão do Vale São Francisco. O segundo problema foi: Qual órgão estas escolas estavam vinculadas?

As escolas foram criadas pela empresa pública (C.V.S.F) que mesmo coordenava depois que acabou com a empresa pública Comissão do Vale São Francisco e passando a responsabilidade para então (SUVALE) ela transferiu todas as responsabilidades para a Cidade de João Pinheiro ficando a vila como era chamada distrito de Caatinga, e somente depois de sua emancipação em 1995, que estas escolas deixaram de pertencer João Pinheiro que também fazia parte da Superintendência de Paracatu e passando a educação do município de Brasilândia de Minas pertencer diretamente a 16º Delegacia Regional de ensino Paracatu(Entrevistada 1).

Quem era responsável pela administração das escolas da sede e zona rural era (CVSF) que logo foi extinta passando a responsabilidade para (SUVALE) (Entrevistada 2).

As escolas eram municipais e quem fiscaliza no início era Comissão do Vale São Francisco que depois passou a se chamar (SUVALE) (Entrevistada 3).

Primeiro ficavam sobre a responsabilidade da (C.V.S.F) que depois passou a se chamar SUVALE ou seja Superintendência do Vale São Francisco.que logo transferiu sua responsabilidade para então cidade de João Pinheiro. Ficando a responsabilidade pela fiscalização das escolas (Entrevistada 4)

Quem era responsável na minha época era SUVALE, Superintendência do Vale São Francisco (Entrevistada 5)

Na entrevista, percebemos que no início, as escolas ficavam sobre a responsabilidade da então Comissão do Vale São Francisco, empresa pública criada através de legislação específica em 1968, para administração da fazenda com o objetivo precípuo de ali estabelecer um Núcleo de Colonização, e com a mudança do nome da comissão para SUVALE, ela se torna responsável pela fiscalização e manutenção das escolas então criadas pela Comissão do Vale São Francisco, que logo transferiu suas responsabilidades de administração da então Vila para cidade de João Pinheiro e ficando a Vila distrito de Caatinga.

Ainda baseado nas memórias de alfabetizadoras entrevistadas podemos perceber que foram vários os responsáveis pela então fiscalização da qualidade e eficácia do ensino público no município de Brasilândia. Segundo Moraes (1998, p.219) a última mudança e definitiva que vigora até os dias atuais dos responsáveis pela fiscalização do ensino de deu após sua emancipação em 21.12.95, pela lei estadual n 12.030⁴. Após a emancipação às escolas do município de Brasilândia de Minas passam a ser vinculadas diretamente a 16ª Delegacia Regional de Ensino de Paracatu iniciando um novo período na história da educação do município de Brasilândia de Minas.

A terceira indagação feita as professoras foi: Quem eram as professoras, nível de formação e como era feita a contratação dos mesmos?

Eram moças solteiras, um ou outro rapaz. Muitos eram novos e sem experiência nenhuma. Quem possuía a 4º série na época já podia alfabetizar. (Entrevistada 1).

Pessoas que tivesse um grau de um estudo um pouco a mais na época, o pai ou outra pessoa das comunidades iam até o administrador da SUVALE, e pedia uma Moças ou rapazes solteiros que tinham concluído a 4º série com

⁴ Emancipou-se de João Pinheiro o município de Brasilândia de Minas; emanciparam-se de Unai os municípios de Cabeceira Grande e Uruana de Minas; de Bonfínópolis de Minas, os municípios de Dom Bosco e Natalândia.

idade de 14 à 16 anos de idade que tinha atingido um bom desempenho nos estudos ganhava uma sala de aula (Entrevistada 2).

Sala de aula para pessoa e geralmente era atendida a solicitação feita (Entrevistada 3).

Algumas às vezes a pessoa que tinha a quarta-série primária na época lá com seus 14 às 16 anos de idades recebia o convite dos administradores da Superintendência do Vale do Paracatu para atuar como professora (Entrevistada 4).

A maioria era moças que tinha pouca instrução, mas na época quem tinha a quarta-série primária era quase uma doutora, as que tinha um pouco mais de estudo tinha vindo de fora com seus familiares em busca de um pedaço de terra era poucas que tinha mais de 25 anos de idade (Entrevistada 5).

Correlacionando ao que as entrevistadas nos dizem encontramos um amparo em (Aranha) que diz:

O descaso pelo preparo do mestre fazia sentido em uma sociedade não comprometida em priorizar a educação elementar. Além disso, prevalecia a tradição pragmática de acolher professores sem formação, a partir do pressuposto de que não havia necessidade de nenhum método pedagógico específico (ARANHA, 2006, p.227)

É possível compreender na descrição da autora que a desvalorização do educador era consequência de uma sociedade que não priorizava a educação. A contratação dos professores leigos se dava em decorrência da falta de profissionais com formação específica. Era grande o número de pessoas com nenhuma ou pouca escolaridade e muito pequena a parcela de pessoas com a formação em magistério, não restando muitas opções a não ser, contratar aqueles que possuíam um grau maior de escolaridade para ensinar a “ler, escrever, as quatro operações e os conteúdos curriculares dos anos iniciais do ensino primário, principalmente nas escolas rurais.

Com as entrevistadas é possível compreender que a profissão de magistério na época era exercida em sua maioria, por mulheres, moças solteiras com idade entre 14 e 25 anos de idade, mas não possuíam uma formação adequada, eram todas leigas na profissão e alguns vinham de outras cidades e ao chegar recebiam o convite dos então administradores da Colônia Agropecuária do Vale São Francisco para assumir uma escola.

Para Gadotti (2002) uma das particularidades da profissão docente é que ela é composta predominante de mulheres. Com base nos relatos a contratação se dava por convite dos administradores da Colônia ou se a pessoa tivesse a 4ª série já podia trabalhar como

professora, outras vezes os pais pediam uma sala para a filha então administradores da colônia. A seleção de mestres em concurso e exames que dispensavam formação profissional ou às vezes o candidato apenas deveria mostrar que lia corretamente, escrevia, que efetuava as quatro operações fundamentais da aritmética e também era de costume a nomeação em favor de troca de apoio forma que existiu e continua a existir no Brasil.

O quarto problema foi acerca do método de ensino utilizado na alfabetização dos alunos.

Alfabetização através da memorização de sílabas separadas sendo primeiro memoriza as letras do alfabeto e depois as vogais separadas e depois começava o processo de juntar consoantes com vogais compondo as sílabas e inicialmente o trabalho com a escrita se dava o professor transcrevia as letras no caderno no caderno e depois o aluno passava por cima (Entrevistada 1)

Alfabetização com cartaz, sílabas e memorização e escrita do alfabeto. (Entrevistada 2)

Alfabetização através das cartilhas e memorização (Entrevistada 3)

A sabedoria usava de tudo possível sem nenhuma técnica específica tinha recursos de alguns livros e o quadro. (Entrevistada 4).

Usava de tudo um pouco as cartilhas e os matérias que recebia em alguns cursos pagos pela Superintendência do Vale do Paracatu destinava ao modo de aperfeiçoar a minha prática na sala de aula (Entrevistada 5).

Nas narrativas a riqueza dos detalhes expostos em que as escolas de 1^a a 4^a séries não tinham muita infraestrutura para o processo de alfabetização escolar em vez que se diagnostica nas narrativas dos mesmos que eles não tinham uma técnica específica e usavam de tudo um pouco no processo de alfabetização dos alunos desde a sabedoria ao processo de soletração que sustenta na memorização das letras separadamente do alfabeto como a,b,c,d e assim por diante e em seguida começava o processo de formação das famílias juntando as consoantes e vogais como Ca, Ce, Ci assim por diante até formar palavras e depois frases.

A cartilha escolar citada como um dos métodos utilizados pelas professoras são livros infantis produzidos especificamente para o início da alfabetização que consiste em uma técnica de leitura pautada nos procedimentos tradicionais e conservadores do ensino, objeto da confiança de que ensinando apenas a codificar e decodificar os sinais gráficos, os alfabetizando são suficientemente capazes de aprender a ler e a escrever. Foi uma técnica muito utilizada nas décadas de 70 e 80 pela educação brasileira.

Com base nas afirmativas acima verificamos que os professores não tinham muitos recursos para serem usados na alfabetização. Correlacionando ao que a professora nos diz encontramos amparo em Cunha (2010, p.69). “Há professores mesmo com pouquíssimos recursos e que afetam tanto que são capazes de transformar suas aulas em dínamos de inteligências, mesmo recitando o catálogo telefônico.”

Para o autor mesmo com poucos recursos podemos tornar as aulas dinâmicas e significativas para os nossos alunos, basta criatividade e sabedoria como foi citado na entrevista por uma educadora. O quinto problema foi a partir da curiosidade de conhecer como se dava a organização do tempo e do espaço escolar, a relação c/a comunidade, o cuidar da escola e o processo ensino aprendizagem?

A escola era no povoado do Riacho do Campo, só tinha uma sala de aula. A sala de aula era composta de 1ª, 2ª, 3ª, 4ª série, separava os alunos de cada série dividia o quadro e passava o conteúdo enquanto passava a matéria para uma série pedia para outra copiar do livro ou transcrevia em seus cadernos alguma atividade para fazer, enquanto isso eu passava a matéria da próxima série Os alunos geralmente sentavam de duplas da mesma série. A relação com a comunidade era muito boa eles praticamente entregavam seus filhos aos professores ajudavam no que fosse do seu alcance. Os alunos maiores ajudavam o professor na organização e limpeza da escola (Entrevistada 1).

A sala de aula era composta na maioria das vezes por três séries e eu separava os alunos conforme a série e dividia o quadro em três partes e com ajuda de um ou outro aluno que apresentava um conhecimento a mais do que os outros eu dava minha aula pedia para um aluno passar a matéria no quadro para uma série enquanto eu tomava leitura de um ou tomava a tabuada e era assim que se dava o processo ensino- aprendizagem. A relação com a comunidade era muito boa os pais tinha toda confiança e respeito com o professor; os alunos maiores cuidavam da escola fazendo a limpeza da escola e a merenda era feita pelo professor deixava a sala de aula sobre a responsabilidade daqueles já tinha um pouco mais de conhecimento que ficava na sala ensinando os colegas enquanto o professor fazia da merenda. O horário das aulas era das sete às 11hs e das 13 às 17 h. (Entrevistada 2)

A rotina da escola quase não mudava o professor chegava mais cedo e para organização do espaço escolar e fazer a merenda e os alunos que iam chegando ajudavam buscando água no córrego e tinha vez antes começar aula eu já começava a preparar a merenda a relação com a comunidade era muito boa os pais participavam como podia da vida escolar dos filhos. (Entrevistada 3)

A cada dia era uma coisa diferente descobrir os valores de cada aluno; me sentia uma heroína era tratada com muito respeito por meus alunos e seus pais. Trabalhava seis horas de aula começava as 10 terminava às 16 horas 1º, 2º, 3º séries juntas tinham que dividir a minúscula sala em três e o quatro em três partes. (Entrevistada 4).

Era muito trabalhoso quatro turmas em sala de aula eu ficava com muita dó dos alunos que saíam muito cedo de casa e andavam quilômetros a pé para chegar até a escola e muitos ainda não conseguiam concluir nem quarta-série porque os pais tiravam da escola para trabalhar; a relação com a comunidade era muito boa, os pais entregavam seus filhos para nós e só vinha a escola para tratar do rendimento e mau comportamento dos filhos ou quando era solicitado alguma contribuição e também era de costume o professor hospedar na casa de um dos moradores da comunidade as aulas eram no período da manhã das 07h as 12h. A noite trabalhava com o Mobral (Entrevistada 5).

Analisando a fala da entrevistada de número um, a mesma relatou que a escola em que trabalhou era em uma comunidade da zona rural e que ele lecionava para quatro séries ao mesmo tempo e a divisão das turmas se dava pela série dos alunos e o processo ensino aprendizagem ocorria da seguinte forma: enquanto uma série fazia as atividades transcritas em seus cadernos ele passava matéria para outra série no quadro. A relação com a comunidade como relata o professor era muito boa e além de dar aula ela tinha que organizar e limpar a escola com ajuda dos alunos.

A segunda entrevistada confidenciou que a sala de aula na qual trabalhou era composta de três séries e que organização do espaço escolar se dava na separação por série e o processo ensino aprendizagem acontecia com ajuda daqueles alunos que possuía um pouco mais de conhecimento. Enquanto o professor tomava a tabuada ou a leitura dos alunos um passava a matéria no quadro. A limpeza e a merenda da escola eram feitas com ajuda dos alunos.

A entrevistada três relata que a rotina da escola quase não mudava e o professor chegava sempre mais cedo para organizar a sala e ir preparando a merenda dos alunos que ao chegar à escola iam buscar água no córrego antes do início das aulas, segundo ele os pais participavam como podiam. Na fala da entrevistada quatro, percebemos que trabalhava também em sala de aula multisseriadas, a aula começava às dez horas e terminava às dezesseis horas. E além, disso, ela se sentia uma heroína ao descobrir os valores de cada aluno, a cada dia era uma coisa diferente.

Assim sendo depois o relato da entrevistada cinco é possível refletirmos que as dificuldades encontradas para o exercício do magistério na época foram trabalhar em sala de aula multisseriadas ter que hospedar na casa de algum dos moradores da comunidade em que trabalhavam os alunos andavam quilômetros a pé para frequentar uma escola ele ainda diz que a maioria não conseguia chegar a 4ª série, pois os pais tiravam os alunos da escola para trabalhar. Após analisar a fala das entrevistadas percebemos a falta de conhecimento dos

professores acerca da organização do espaço escolar, mas buscando demonstrar a importância desta organização recorremos aos PCNS (Parâmetros Curriculares Nacionais) que trás orientações sobre a organização do espaço escolar.

Uma sala de aula com carteiras fixas dificulta o trabalho em grupos, dialogo e a cooperação: armários trancados não ajudam a desenvolver a autonomia do aluno, como também não favorecem o aprendizado da observação do bem coletivo. A consideração do tempo como variável que interfere na construção da autonomia permite ao professor criar situações em que o aluno possa progressivamente controlar a realização de suas atividades. Por meio de erros e acertos, o aluno toma consciência de suas possibilidades e constrói mecanismo de auto-regulação que possibilitam decidir como alocar seu tempo (BRASIL, 2000, p.103)

O sexto questionamento feito às educadoras foi sobre a estrutura física das escolas

Péssima, pois foi logo no início do período da colonização que comecei a trabalhar contrato pela empresa pública SUVALE era um rancho construído com ajuda comunidade não tinha água e nem carteiras (Entrevistada 1)

A escola na era um rancho improvisado e os bancos eram fincados no chão a professora mesmo que realizava este trabalho fincava dois tocos no chão um de um lado e outro sobre os mesmos pregava uma tabua qualquer e ali sentava as crianças (Entrevistada 2).

A escola Pacheco Pimenta da cidade era nova, mas salas eram poucas para quantidade de alunos tinha uma pequena biblioteca e cantina (Entrevistada 3).

A escola rural Marechal Costa e Silva na fazenda Canabrava tinha somente uma sala e um alpendre e somente depois de muito custo os responsáveis aceitaram construir um local para a merenda, não tinha água encanada buscava no córrego (Entrevistada 4).

Era boa tinha uma sala e um quartinho para fazer a merenda para os alunos; a água era de cisterna (Entrevistada 5).

Através dos relatos percebemos a precariedade de algumas escolas se é que podemos chamar isso de escola. As escolas da zona rural como podemos perceber, eram ranchos sem paredes, construídos pelo professor e que se transformava em sala de aula com carteiras fincadas no chão e ali naquele local, sentava as crianças. Outras escolas da zona rural já tinham melhor infraestrutura mesmo sendo apenas uma sala.

Entendemos que a escola da sede tinha uma infraestrutura melhor para os alunos, porém a demanda era maior do que a oferta. O sétimo questionamento feito as educadoras para que eles relatassem as dificuldades encontradas no exercício da profissão?

As dificuldades eram muitas desde falta de salários o professor trabalhava o ano inteiro para receber no final do ano e quando recebia, as péssimas condições da escola e várias atribuições que o professor tinha com o cuidar da escola e falta de maturidade e nenhuma didática (Entrevistada 1).

Alfabetizar era muito difícil devido carência de material e falta de experiência, péssimas condições das escolas e a imaturidade, pois comecei dando aula muito nova não sabia de nada (Entrevistada 2)

A pobreza tudo muito difícil para conseguir, para conseguir materiais para trabalhar era uma dificuldade que só o pessoal mandava só giz e alguns cadernos livros era de vez em quando (Entrevistada 3).

Falta de orientação, o difícil contato com os Inspetores que fiscalizavam as escolas para resolver questões referentes á escola. A visita deles era de vez em quando (Entrevistada 4).

A falta de material e ter que morar na casa de algum fazendeiro para poder trabalhar e trabalhar com quatro séries ao mesmo em um pequeno espaço eu tinha um pouco mais de conhecimento porque tinha estudado em Belo Horizonte Minas Gerais (Entrevistada 5).

Através da narrativa verificamos as dificuldades que enfrentaram na carreira do magistério desde ter que trabalhar um ano inteiro e receber somente no final do ano e as péssimas condições das escolas a dificuldades para conseguir materiais pedagógicos, a falta de orientação na prática pedagógica e além destas dificuldades o professor tinha que contar com a solidariedade de algum fazendeiro que oferecia hospedagem.

Diante das falas das educadoras fica claro os diversos empecilhos que tiveram para exercer sua prática pedagógica no município de Brasilândia de Minas, mas mesmo assim deixaram sua marca na história da cidade que hoje através de suas memórias será fonte de conhecimento, contribuindo para o sentimento de pertencimento ao lugar e a história. O oitavo ponto a esclarece sobre a trajetória educacional do município de Brasilândia de Minas foi: Quais as diferenças na educação quando você atuou com os tempos atuais?

São muitas naquele tempo os alunos tinham um profundo respeito pelo seu professor o que não vejo hoje o ensino era muito diferente não tinha essas facilidades que tem hoje era mal o giz e o quadro e os tinham que aprender hoje tudo é facilitado (Entrevistada 1).

É difícil fazer está análise porque foram tantas mudanças na educação com surgimento das leis que regem a educação brasileira e os problemas evoluíram. Hoje temos boas escolas, mas os alunos não querem estudar os professores tem boa formação e apoio pedagógicos (Entrevistada 2).

Há hoje é muito melhor os professores são mais preparados e as escolas tem mais recursos naquele tempo era mesmo a sabedoria (Entrevistada 3).

Os direitos e deveres são os mesmos, mas a falta de interesse de todas as partes A educação não mudou somos nós que mudamos o ponto de vista no ato de educar. Eu vejo que as pessoas lamentam muito ao invés de trabalhar com amor e dar respeito e agradecer pelo trabalho. Acho que ser professora é mais que ser mãe (Entrevistada 4).

O ensino melhorou bastante o professor tem formação específica ficou mais fácil estudar melhorou muito a infraestruturas das escolas. O professor tem apoio pedagógico o que na época não tínhamos e hoje o educador pode contar com diversos recursos que ajuda na sua prática pedagogia, porém o aluno está mais complicado (Entrevistada 5).

A entrevistada de número um afirma que são muitas as mudanças ocorridas na educação desde a época em que atuou e uma delas era que alunos tinham um profundo respeito pelo professor, o que não acontece hoje. Acreditamos que o ensino de hoje não é muito diferente, só não tinha essas facilidades para educar como o professor tem hoje. E correlacionando ao que a entrevistada no diz encontramos amparo em (Gadotti) que diz ser professor hoje não é nem melhor, nem pior que antes é diferente.

Para a segunda entrevistada é difícil fazer análise a respeito da educação. Várias mudanças aconteceram na educação, tanto no âmbito da legislação, quanto na atuação do poder público, quanto nas metodologias de ensino e estrutura curricular.

De acordo com a terceira entrevistada, ser professor hoje é muito melhor devido ao fato de os professores serem mais preparados e as escolas contarem com mais recursos. Analisando a fala da entrevistada quatro, que diz que a educação não mudou o que ocorreu é que foi o ponto de vista do ato de educar e que os direitos e deveres são mesmos, porém, a falta de interesse de ambas as partes e que as pessoas lamentam ao invés de trabalhar com amor e respeito e que ser professor é ao mesmo tempo ser mãe.

A quinta entrevistada afirmou que a educação melhorou bastante e o professor de hoje tem formação específica, o ensino se tornou mais acessível, a infraestrutura das escolas melhorou, o professor tem apoio pedagógico o que antes não tinha e além de poder com diferentes recursos na sua prática pedagógica.

A nona pergunta foi baseada na importância que a escola tem de conhecer quem são seus alunos e a realidade em que estão inseridos e para cumprir sua função social, a escola precisa considerar as práticas de nossa sociedade, sejam elas de natureza econômica, política, social, cultural, ética ou moral. Baseados na importância de conhecer a comunidade escolar hoje, para a educação foi feita a seguinte pergunta: Como era clientela escolar na época em que você atuou como professor?

Os alunos eram muito pobres, alguns não tinham nem material, seus pais geralmente tinha um pedaço de terra ou era empregado de algum fazendeiro da região (Entrevistada 1).

Os alunos de situações muito precárias, seus pais não tinham emprego e a maioria das vezes vinha a escola somente para merendar (Entrevistada 2). Muito pobres filhos de pais analfabetos, mais muito amorosos (Entrevistada 3).

Eu tinha alunos de todo jeito desde filhos de pessoas ricas da época até aquele que não tinha nenhum caderno e eu não deixava de ensinar por isso eu pegava uma folha ou cartaz velho e passava os exercícios para ele (Entrevistada 4)

Os alunos em sua maioria eram muito carentes, vinham de muito longe mais por causa mais da merenda do que para estudar (Entrevistada 5).

É possível compreender com estas falas das entrevistadas que os professores conheciam a realidade em que a escola estava inserida, mas não tinha conhecimento da importância que é conhecer a comunidade em que estão inseridas, suas necessidades potencialidades e expectativas, para que o trabalho seja adequado proporcionando um melhor atendimento educacional.

O professor deve sempre lembrar de que um ambiente escolar pode exercer um efeito estimulador para o estudo ativo dos alunos. A curiosidade em conhecer como era a relação do professor com aluno em educação bastante precária e foi feita a seguinte pergunta as educadoras no momento da entrevista: Como era a relação professor/aluno?

O professor era uma autoridade na sala de aula o que o professor falava estava falado e pronto, mas mesmo assim a relação tanto com os alunos e pais era muito boa (Entrevistada 1).

Eu era uma autoridade e os pais me davam essa autoridade sobre os filhos, a relação eu falava e eles tinham que obedecer se não quando chegava em casa os pais batiam (Entrevistada 2).

Era uma relação muito bons todos tinham muito respeito, pois era considerada uma autoridade (Entrevistada 3).

A relação com os alunos era muito boa, mas tinha alguns que dava problemas, mas eu ficava sempre atenta que estes que dava trabalho era porque necessitava de mais atenção (Entrevistada 4).

A relação do com o aluno era de uma autoridade total um líder os pais entregavam os filhos para os professores que eram tratavam como se fosse seus filhos podendo corrigir no que fosse necessário (Entrevistada 5).

Os relatos das professoras evidenciam que a relação do professor com os alunos era verticalizada de imposição de conhecimentos, o professor explica como resolver os problemas e depois diz se está “certo ou errado” e os alunos eram somente receptores não tinham uma relação de afetividade, eles eram vistos como autoridades pelos alunos e não havia dialogicidade do ato educativo, o conhecimento quem tinha era só o professor.

Ao analisar a intencionalidade do ato docente em situações de ensino-aprendizagem, bem como a multidimensionalidade do fator educacional, a relação professor-aluno precisa ser objeto de reflexão. Segundo Freire:

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frios, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p.73).

O autor deixa claro que todas as personalidades de professores sempre deixam marcas em seus alunos podendo ser positivo ou negativo e nenhum passa despercebido pelos seus alunos. A sala de aula é o momento de navegar pelo mundo e esquecer os problemas pessoais e familiares assim nos diz Cunha.

A escola é um lugar privilegiado para socialização, onde as relações afetivas possuem substancial valor. O professor que não considerar os aspectos sociais e humanos da sua atribuição correrá o risco de não ser bem-sucedido. O aluno possui a necessidade de conviver, estabelecer relações, adquirir conhecimento. A primeira evidência desse aferimento estará na manifestação do seu desejo, pelo qual expressará sua humanidade e o caminho para atraí-lo (CUNHA, 2010, p.04).

Percebemos na ideia apresentada que a escola deve ser o espaço que propicie as trocas de conhecimentos mútuos. O professor que não levar em conta este aspecto correrá o risco em deixar marcas negativas em seus alunos, fazendo com que a escola não seja atrativa.

3 Considerações finais

Ao termino da pesquisa concluímos a importância que a história tem para sociedade, pois se constitui um poderoso instrumento para conhecimento do passado.

Pelos relatos das professoras visualizamos o papel da mulher no aspecto educacional, principalmente com o trabalho com as crianças, no ensino primário, sendo também, a trajetória da educação é marcada por desafios, dificuldades e vitórias.

Foi feita a análise dos dados coletados na pesquisa de campo. A pesquisa cumpriu com todos os objetivos propostos e também a mesma possibilitou a resposta de todas suas indagações. A pesquisa investigou como foi o início do processo educacional em Brasilândia de Minas, com base nas respostas das entrevistadas vimos que as primeiras escolas surgiram em decorrência do aumento do número de colonos. Em 1957 foi inaugurada a primeira escola na sede e neste tempo foram construídas várias outras nos povoados.

Nessa perspectiva indagamos acerca de quem eram os responsáveis pelas escolas e em qual órgão estavam vinculadas, segundo as entrevistadas no início, essas escolas eram municipais sobre a responsabilidade da Comissão do Vale São Francisco e ao decorrer das transformações passaram a ser de responsabilidade do município de João Pinheiro, porém em 1986 todas as escolas existentes no município tornaram-se estaduais e sendo assim estas escolas vinculam a Superintendência de Ensino de Paracatu.

Logo, desejando conhecer mais afundo as pessoas que contribuíram para o desenvolvimento local, foi questionado o perfil dessas pessoas e nível de formação que possuíam na época e de acordo com as informações obtidas esses profissionais eram compostos em sua maioria por mulheres muito novas sem formação nenhuma para profissão. A análise das entrevistas também possibilitou o conhecimento a cerca dos métodos utilizados na alfabetização dos alunos. Uma vez que as entrevistadas relataram que não tinham muitos recursos para serem utilizando e que na maioria das vezes tinha que contar com a sabedoria. Dessa forma também foi investigado como era o cotidiano na escola, a relação da comunidade, o cuidar e a organização do tempo e do espaço escolar.

A pesquisa também procurou conhecer como era a estrutura física das escolas nas quais as professoras trabalharam. Nas narrativas evidenciaram que a maioria das escolas funcionava em total precariedade, relatando as dificuldades encontradas no exercício da profissão. Em sua maioria, disseram que foram muitas as dificuldades, mas que não desistiram diante das mesmas, dando sua contribuição para história do município.

Além, disso a pesquisa relatou a opinião das entrevistadas sobre as diferenças do processo educacional de quando atuaram para com os tempos atuais. Houve divergências nas respostas e alguns acreditam que aconteceram muitas mudanças. Outros disseram que a educação oferecida é a mesma e o que mudou foi à concepção de educar.

A pesquisa possibilitou conhecer como era a relação professor/aluno, conforme as entrevistadas, o relacionamento entre professores e alunos era muito bom então um ambiente escolar de harmonia pode suscitar o amor pela escola e dedicação aos estudos.

Com base nos dados da pesquisa verificamos os avanços que educação no município obteve e, no ano de 2021, conta com 03 escolas da rede estadual com boas estruturas que oferecem o ensino da educação básica e seis escolas da rede municipal de ensino sendo que três destas estão localizadas na zona rural do município nas comunidades do Riacho do Campo, Matinha e Assentamento Mário Pereira, a rede municipal de ensino oferece educação infantil e o Ensino Fundamental I as escolas rurais não contam com educação infantil apenas com o Ensino Fundamental I.

O cotidiano da sala na escola seguia uma rotina, cujo professor tinha que dar aula para quatro séries ao mesmo tempo, cuidar da escola e esse cuidar, envolvia fazer a merenda para os alunos e administrar os recursos disponíveis. A relação dos pais com a escola era boa e estes tinham muito respeito com os professores.

As estruturas das escolas da sede eram melhores, porém eram pequenas para demanda de alunos, mas algumas da zona rural não tinham a mínima estrutura, funcionavam em ranchos com bancos feitos de tábuas construídos com ajuda da comunidade tanto os alunos da sede como os da zona rural não podia contar muita mobilidade para frequentar a escola. Os problemas encontrados pelos professores foram vários como falta de formação, apoio pedagógico, a precariedade das escolas, andar a pé vários quilômetros para trabalhar.

Com o passar dos anos as mudanças tornaram-se inevitáveis, sendo construídas mais escolas e ampliando a estrutura física das que já existiam.

A concepção de educação aos poucos foi mudando e adequadas as exigências atuais. As salas de aula eram heterogêneas e na mesma escola onde estudava o filho do médico e o filho do lavrador. A relação do professor com o aluno era de profundo respeito onde o professor era o centro das atenções e o aluno um mero receptor das informações.

A temática abordada nesse estudo trabalho é muito ampla, na certeza de que os estudos aqui feitos não se esgotam nesse mesmo, sua realização se deu acreditando que sirva como abertura para novas reflexões e sugestões.

IV REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação**. Moderna, Ano1989. 288p.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.384p.

BLOCK, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 159p.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem**: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. 2. Ed. Rio de Janeiro. Wak 2010,129p.

GHIRALDELLI, Paulo Junior: **História da Educação Brasileira**: 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.272 p.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. 3. ed, 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um Sonho**: ensinar e aprender com sentido. São Paulo. ed. Cortez, 2002.

MORAIS, Maria. **Brasilândia**: sua história e sua gente. Brasilândia de Minas: 1998. 240 p.

MORAIS, Maria. **Brasilândia**: meu pé de serra. 2.ed. Prática Gráfica e Editora, 2012. 92p.

BRASIL. **Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental: 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A,2000. 126p.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. (v. 2). Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, 1989.

PILLETI, Nelson. **História da educação no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2008.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes LTDA, 2006. 267p.